



PERSIA — TUMULO DE CYRO.

SABEMOS pelos escriptores gregos que os persas não queimavam os corpos dos mortos como outros povos da antiguidade. Com effeito seria contrario ás leis de Zoroastro manchar pelo contacto de um cadaver o elemento sagrado, emanação do Ormuzd. A inhumação era pois consagrada pela pratica civil e pela lei religiosa. Entretanto a escolha da terra que devia receber os despojos mortaes dos persas não era arbitraria: as prescripções religiosas intervinham ainda n'este caso, e designavam a terra *natal*, a terra sagrada, que produzira cada homem e á qual cada homem devia ser restituído. Assim Cambyzes mandou transportar seu pae Cyrus para a Persia, para Vasargade, cêrca de Persepolis. Sabemos que Darius Nothus mandára preparar o mausoleu em que devia ser encerrado; e se a historia nada nos transmittiu de similhanté pelo que respeita aos principes seguintes, vemos Alexandre, observador exacto e escrupuloso dos costumes dos povos que combatia, ordenar, depois da batalha de Arbelles, que o corpo de Darius fosse conduzido para o tumulo de seus paes.

Os tumulos mais respeitaveis pela sua indisputavel ancianidade são sem duvida o chamado tumulo do propheta Daniel, o que se diz ser de Esther e Mardocheu, e o que os indigenas denominam *Meschedi-madere-Souleiman*, tumulo da mãe de Salomão: mas que Ker-Porter suppõe com bom funda-

mento ser o tumulo de Cyrus. O primeiro existe no lugar onde foi Susa; e se não podemos talvez attribuir-lhe com segurança tão remota antiguidade, todas as circumstancias nos auctorizam a crê-lo produção da arte babilonica. Compõe-se apenas de um cubo de granito, coberto em duas das suas faces de inscripções cuneiformes, e de figuras symbolicas de homens e de animaes. Os rabinos attribuem a este tumulo muitos milagres, e os judeus ainda ali concorrem em romaria.

O segundo encontra-se em Hamadan, antiga Ecbatana, e é tido em grande veneração pelos judeus. Este monumento esta collocado no meio de uma synagoga, e é construido de tijollos, cobertos de madeira pintada de preto. Esta obra não é de certo anterior ao islamismo. Uma inscripção hebraica declara ter sido feita por dous piedosos judeus de Caschan, no anno do mundo 4474.

O terceiro (que a nossa estampa representa fielmente) encontra-se na planicie de Mourgab, e não longe de Ispahan (capital da Persia). Compõe-se de um como pequeno templo levantado sobre sete degraus de marmore. Tão singela fabrica é conforme com a descripção, que, do tumulo de Cyrus, nos deixaram Strabão e Diodoro de Sicilia, e com o que a historia nos diz que Cyrus ordenara em quanto aos seus proprios funeraes.

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA.

VII.

O ERUDITO philologo hespanhol D. Bartholomeu Gallardo, em um folheto, que publicou sobre a questão do *Buscapié* em 1851, é expressamente de opinião de que nem Cervantes, nem pessoa alguma por elle escreveu jámais o tão celebrado livro. «Creo, diz elle, que jámas ha existido tal *Buscapié*, ni ha habido para que. El Quijote fué recibido con tanto aplauso, dentro y fuera de España, que apenas publicado en Madrid, yá en Paris reimprimió el lindo episodio de *La Ingrata Marcella* Cesar Uden en castellano con una traduccion francesa suya al frente.»

A tendencia geral dos philologos hespanhoes é para tomarem como razão fundamental contra a existencia do *Buscapié* a grande cópia de edições que do Quixote se fizeram no proprio anno da sua publicação. Esta razão suppõe que o *Buscapié* fôra escripto como hoje se escreve um folhetim panegyrico, ou um reclamo artificialmente n'um jornal para accelerar a extracção de um livro, ou popularisar rapidamente um máu auctor. Mas se se provasse que o *Buscapié* nasçera de outros intuitos, menos mercantis e mais litterarios, o argumento das edições seria uma objecção bem pueril contra a authenticidade de uma tradição universal e constante.

Ha poucos annos o problema do *Buscapié* pareceu ter chegado á sua mais luminosa e mais inconcussa solução. D. Adolpho de Castro, escriptor muito conhecido em Hespanha, e illustrado ultimamente por uma eruditissima *Historia dos protestantes hespanhoes*, declarou haver encontrado o manuscrito-phenix, e apressou-se em repartir com o publico o precioso achado que a fortuna lhe deparára. Saíu o livro com o titulo extravagante e pretencioso de «El muy donoso librito llamado *Buscapié*, donde demás de su mucha y excelente doctrina, van declaradas todas aquellas cosas escondidas y no declaradas en el Ingenioso Hidalgo D. Quijote de la Mancha, que compuso un tal de Cervantes Saavedra.» Dizia Castro ser o *Buscapié* um manuscrito de letra de fins do 16.º seculo ou principios do 17.º Era, segundo dizia Castro, cópia de uma outra cópia, e feita em Madrid a 27 de janeiro de 1506. Depois, em letra ao parecer de principios do seculo 18.º, lia-se: «Da livraria do senhor duque de Lafões.» Ainda assegurava D. Adolpho que este precioso manuscrito, que de Portugal fôra ter a Hespanha, o alcançára entre os numerosos volumes de uma livraria rica, vendida em Cadix em hasta publica.

Adolpho de Castro negava no prologo do *Buscapié* que Cervantes tivesse nunca tido a intenção de satyrisar a Carlos V, e ao duque de Lerma; e repellindo do caracter generoso de Cervantes a taxa infamante de libellista e difamador, apoiava-se na propria declaração, pouco authentica como de poeta, e de poeta motejador por inclinação e por officio, que Cervantes fizera na sua *Viage del Farnaso*, onde dizia:

Nunca voló la humilde pluma mia
Por la region satirica, bajera
Que á infames premios y de-gracias guía.

O *Buscapié* que agora se publicava não era mais que um commentario puramente litterario da novella, e resposta ás censuras ineptas e extravagantes com que muitos homens, em cheiro de erudição e bom engenho, tinham celebrado a apparição do *D. Quijote*.

O manuscrito que se dizia do verdadeiro *Busca-*

pié occupava depois do prologo umas cincoenta paginas. Vinha depois uma carta inedita do Mateus Aleman, o auctor do *Guzman de Alfarache*, e cerravam o volume, ou para melhor dizer enchiam-no na sua maior parte, muitas notas curiosissimas e eruditas do editor, as quaes se estendiam por quasi duzentas paginas do livro.

A apparição d'este livro, procurado desde dous seculos, operou uma revolução inopinada na litteratura castelhana. Os homens de letras arrolaram-se logo em duas facções, determinadas a uma guerra litteraria cruelissima e feroz. Os jornaes dividiram-se entre as duas opiniões adversas. Uns accusavam a D. Adolpho de Castro como um falsificador insensato e despejado. Outros reconheciam na sencillez e na facilidade do gracejo, no archaico da frase e na tersura do estylo a inspiração e o donaire de Cervantes. Outros ao contrario multiplicavam as citações e os paralelos para convencer de apocrypho, e de grosseiramente falsificado o manuscrito que D. Adolpho arrejára desde Cadix como um pomo de discordia litteraria. A *Presse* de Paris deu logo ao principio rebate contra o embuste litterario com que se ultrajava a credulidade publica, e a pugna accendeu-se com um fervor e com uma braveza, dignas das batalhas litterarias dos antigos escolasticos.

Pouco tempo depois, em 1851, o erudito philologo e conhecedor das antiguidades litterarias de Hespanha, D. Bartholomeu José Gallardo, cujo nome já citámos acima, publicou um opusculo, especie de pamphleto, cuja intenção principal e cujo objecto verdadeiro, era vingar affrontas litterarias e punir em D. Adolpho de Castro, antes o odio litterario que lhe votára Gallardo, do que a falsificação de que D. Adolpho se tornára réu.

Esta obrinha, dividida em duas partes, de que a primeira tem o titulo de *Zapatazo à Zapatillo*, está escripta em castelhano pretenciosamente castigo e cervantesco, e adubada de infinitos chistes, e de bons punhados de sal genuinamente castelhano. Entre os improperios, que o ancião philologo arroja em grande cópia á pessoa litteraria de D. Adolpho, ha varios trocos de cartas escriptas por Gallardo a alguns dos seus amigos, entre elles ao celebre Gayangos, nas quaes se contém a refutação completa da genuinidade do novissimo *Buscapié*.

A questão suscitada por Adolpho de Castro está hoje completamente julgada. A opinião publica não pôde já duvidar. O *Buscapié* de Castro é uma burla litteraria engenhosamente delineada e levada a cabo. Não é aquelle, certamente, o pamphleto de Cervantes. Mas ficou por ventura demonstrada a falsidade da sua existencia?

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

V.

O interior da praça de Bissáu. — A formiga que come ferro. — Fr. Manuel de Vinhacs ou Fr. Paulo de Lordello? — 1702 e 1838; analogias que fazem córar. — Como restabelecer aqui a civilização? — O Richeirismo e Wiltemberg: como o entendem os negros de Guiné. — A soberania popular, e a onça. — O que é um rei de Bissáu e o seu scepro.

DESDE então os reis não viram a seus pés senão escravos, que pediam mercês, e que para obtel-as mais pingues vendiam o que podiam vender, ate a honra

de suas familias, ao primeiro que lh'a quizesse comprar, e que pudesse pagar bem, fosse quem fosse, rei, ou ministro, ou protector, ou tribuno: e esses escravos eram cobardes, que fugiam na hora do perigo, ou traidores, que se curvavam para lhes minarem o throno, e precipital-os d'elle para o cepo do cada-falso, ou arrojal-os para as angustias do exilio.

E isto porque? porque a religião, apenas tolerada com insolente desdem, não reflectiu mais sobre o seu diadema a luz celestial que n'elle se espelhava, e deixou de ser o laço de reciproco amor, que unia indissolavelmente a patria ao rei, e ambos ao Soberano Ser. Desde então patria e rei ficaram sendo vozes e entidades mui distinctas, e quasi sempre rivaes. O patriotismo, nascido na fé catholica, vivendo, crescendo e fructificando por ella, enfraqueceu, *estiolou-se*, e definhou apenas foi privado do que lhe dava seve e calor.

N'estas poucas palavras está escripta a historia de uma grande parte das nações da Europa ha mais de dous seculos a esta parte. Quem me dera ter a certeza de que não é tambem a historia da nossa patria! porque não acharei eu uma voz amiga que me tranqüillise? Não ha, e pelo contrario todas estas ruinas que estou vendo m'o asseveram com uma força de argumentação a que não posso resistir.

Estes negros pensam, no direito dos principes em religião, como o celebre theologo protestante Jurieu: que *toda a religião é feita pela auctoridade dos principes, e somente com o seu soccorro se mantem*; vê-se por isto que elles tambem possuem o seu bocado de Richerismo, que não faltam lá *regalistas*, que dêem ao rei toda a auctoridade até nas cousas espirituas.

É a essas doutrinas que eu attribuo este despotismo devastador, que carrega com um pezo horrivel sobre homens, sobre cousas, e sobre a propria terra, e que é na minha opinião o mais forte obstaculo á civilisação d'este povo, porque não se pôde remover senão esmagando-o com o cilindro de uma civilisação cruel, e nós não temos força (e por esse resultado quasi que me applaudo de sermos fracos) para o mover; ou destruindo-o pelos meios que ao principio empregaram nossos avós, o que não ousam fazer esses que podiam e deveriam querel-o.

Aqui o rei não tem nenhum contrapezo á sua auctoridade; soberano temporal, soberano espiritual, senhor de todos os seus vassallos, mas perfeito senhor, pois que possui o corpo e a alma de todos e de cada um dos que gemem debaixo da *sua bengala*, sómente vê limitada essa auctoridade pelo medo dos feiticeiros, e pelo monstro de cem cabeças.

Em teudo os feiticeiros por si, em trazendo bem contentes e satisfeitos os que podem facilmente agular o monstro, que cousa ha que elle não tente, e que não leve a cabo? A fazenda de tal vassallo é avultada, e algum *grande* appetece ter n'ella uma boa parte? o confisco reduz á miseria o que ainda ha pouco era rico, e o rei toma para si o maior quinhão, repartindo o resto pelos seus cortezaos: trata-se de uma boa especulação com algum negreiro? os vassallos são apprehendidos, e entregues pelo seu rei ao comprador generoso, que além do prego dá de *lucas* alguns galões de agua-ardente: deseja sua magestade povoar de alguma bajude appetitosa os seus harens? eil-a arrebatada: quer um branco ter uma porção de chão, e dá bom prego? o rei tira-a ao possuidor, e vende-a a esse branco, e apoz elle a quantos a queiram comprar.

Ahi está o que é o despotismo, em que estes negros são creados, porque com a sua ignorancia tem tanto rigôr logico, que não ficam a dever nada aos mais fortes ergotistas da culta Europa.

São pagãos, não admira que sejam governados como eram governadas as nações pagãs: foi o catholicismo que veiu ensinar aos homens o que elles eram, e tornar por esse modo impossivel uma dominação que só pertence a povos embrutecidos: para que o despotismo reviva cumpre destruir a religião.

Assim quando elle quiz estabelecer-se na Europa, teve de romper com a igreja, e foi pedir auxilio ao richerismo, d'onde proveiu essa Babel denominada o protestantismo, que estabeleceu a tyrannia, trazendo apoz si os seus corollarios a revolução, o regicidio, e o sanguinario communismo, com mais ou menos modificações.

O protestantismo creou a decapitação de Maria Stuart, e de Carlos I; essa longa carnificina de catholicos, e de pobres, e de dissidentes; a expulsão de Jacques I, e a escravidão e a miseria das classes trabalhadoras.

A revolução trouxe o supplicio de Luiz XVI, as carnicerias nos catholicos, nos homens do povo, e nos proprios operarios; o assassinio do duque de Berry, a expulsão de Carlos X, e a escravidão e miseria dos artifices e obreiros.

E ambos cobriram de sangue, de luto e de desastres os paizes onde penetraram, ou chamados pelos reis contra a igreja, que pretendiam avassallar para estabelecerem o poder sem freio que ambicionavam; ou pelas sociedades secretas contra esses principes, a quem pretendiam arrancar a auctoridade que os ajudaram a augmentar, sabendo que trabalhavam para si no que faziam, ao parecer, em obsequio dos thronos; ou entrados com, e pelas armas, preparadas contra a existencia e a liberdade das nações.

E a Europa achou-se por uns poucos de annos reduzida ao miseravel e vergonhoso estado em que estes negros estão ha seculos. . .

Não mostra isto que os extremos se tocam? Nós, á força de muita civilisação, mas de uma civilisação desvairada, estamos chegados ao mesmo ponto em que se acham os selvagens d'Africa á força de bruteza.

Embebido em melancolicos pensamentos recolhi-me a casa, onde me esperavam para se almoçar; e durante o almogo me occuparam ainda, lançando-me n'uma abstracção involuntaria e pertinaz, que me não deixava attender a cousa nenhuma por mais que procurasse distrahir-me.

Mas não tardou muito que me não chamassem para ver uma onça domesticada, que um preto vinha offerecer para venda: accudi ao chamamento, mas por cautella e egoismo fui-me deixando ficar atraz de todos, e assim o mais escondido que me foi possivel lancei os olhos sobre o tal animalzinho, que vinha prezo por um lenço de seda amarrado ao pescoço.

Não farei aqui a descripção d'este animal tão feroz e traidor; não ha ninguem que o não conheça, e teria por isso um tanto ou quanto de pedantesca: apenas observarei, que nunca suppuz que fosse tão exacta a sua simillhança com um gato, que seria facil a confusão se não a tornassem impossivel o pintado da pelle, o tamanho do corpo, e a grandeza das garras. Como o gato, roçava-se pela gente, e pelos moveis, erguendo a garupa, e curvando a parte dianteira; tambem gostava de saltar acima dos moveis, ou de estender-se por debaixo d'elles, exercicios estes que fez em toda a liberdade, porque o bom do conductor soltou-a. Affigure-se qual seria o meu medo, e como estaria coustrangido para não dar a conhecer-o! Fiz as minhas observações quando quizeram soltal-a; porém, como todos disseram que não havia perigo, não me atrevi a insistir: mas mil vezes

me arrependi da minha imprudencia e condemnei a minha curiosidade. Agora que remedio!

Depois de um bom quarto de hora de torturas, o negro chamou a si a onça, e como ella accudisse, amarrou-lhe então uma corda, precaução que me disseram ser necessaria, porque, tendo de atravessar a aldêa, podia encontrar algum animal, que excitasse os seus instinctos ferozes, e convinha poder contel-o; retirou-se o negro com a sua mercadoria, e eu fiquei mais tranquillo, mas ainda receando que voltasse atraz para entregal-a por algum preço, que se lhe tivesse offerecido, e que ao principio rejeitado parecesse depois acceptavel ao mercador de feras. Mas não voltou.

É natural que a tão extraordinaria visita que acabavamos de ter fosse o objecto de nossas reflexões; e assim foi. Fallou-se muito, contaram-se muitas anedoctas, d'estas que fazem arripiar as carnes, e que de certo não auctorisavam a segurança, a indifferença mesmo, com que receberam a fera, que acabava de sair.

Em quanto estavamos conversando ouvi ao longe um som de dous ferros batendo um no outro, como o que fazem esses artistas ambulantes que deitam gatos de ferro na louça quebrada. Não fiz caso d'isso, e nenhum via fazer; eis que mais de perto se ouviu o mesmo som, e disse-me então o dono da casa:

— «Ahi vem o rei.»

E ficou tão descangado como se visse entrar um de seus escravos. Observei-lhe que me parecia inconveniente esta sua sem-ceremonia, quando estava a entrar-lhe em casa uma tão alta personagem; ao que elle respondeu:

— «Já lá vai o tempo em que a chegada de um d'estes negros era um acontecimento de tamanho alcance como a vinda de uma quadrilha de salteadores. Felizmente o Torres ensinou-os bem com a esfrega que lhes deu em 43, pelo que ficaram tão mansinhos que parecem outros. D'antes eram tão insolentes e ladrões, como são hoje humildes; e não sei eu de certo que os faça capacitar de que são alguma cousa, o que ficaria accreditando, se visse que eu fazia caso d'elle...»

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA.

FERNÃO CONÇALVES

SECULO X

IX.

O banquete.

CIRCULO a amphora traioeira, e seguiram-se outras saudes, mas com alguns intervallos, até que este tirocio parcial se converteu n'uma descarga geral por toda a linha dos bebedores.

Brindou-se pelos amigos ausentes, pelas familias de cada chefe, pelas victorias do califa: com os brindes alternaram-se os gelados: misturaram-se com ambos as praticas alegres, intimas, expansivas, os ditos agudos, os rasgos de erudição e engenho, convertendo-se o banquete em um verdadeiro *festim do espirito*.

Almanson colhia todas as palmas entre estes justadores litterarios, captivando a attenção de um pequeno grupo, que se apinhava em roda d'elle para ouvir-lhe os chistes delicados; quando um escravo, que trazia na mão um prato de porcelana, servindo de pedestal a uma pyramide de laranjas confeitadas, lhe tocou no hombro ao de leve, e indigitou ao gentil guerreiro a laranja que estava no cume. Tomou-a Almanson. Os outros convivas, que foram servidos após elle, celebraram a preferencia do escravo como um laço discreto de quem dava o primeiro logar ao personagem, que sobresaía entre elles pelos dotes do engenho; ao mesmo tempo que Almanson lia na laranja estas palavras, traçadas com a ponta de um punhal: «Espero-te á hora da primeira azala... F.»

Era Fatima, a formosa odalisca, que convidava o ditoso mancebo para uma conferencia — que de certo não era politica — ao romper da alva. Em quanto elle, depois de ter dado um beijo furtivo nas afortunadas letras, comia a laranja, achando-lhe um sabor mais exquisito do que os outros hospedes, brindou o principal khatibe «*á castidade!*» com agua da fonte dos Sete Pães; e Almanson fez-lhe, como toda a companhia, a razão, despejando a sua taça de Schiraz, e offertando com o precioso licor a uma divindade provavelmente menos severa.

— «Chegae a vossa taça, Almanson,» dizia Obêidala-ben-Ahmed-ben-Iali-ben-Wahib, wali de Badajoz, para o espirituoso alkaide.

Cheias as taças de ambos, brindou o wali:

— «Para que nunca mingue a lua cheia da vossa fortuna nos amores!»

— «Assim seja!» respondeu Almanson. «Mas...»

Despejadas as taças, continuou Almanson:

— «Mas o minguante dos meus triumphos ha de vir com a velhice, meu caro ben-Wahib.»

— «O espirito não envelhece como a formosura,» lhe tornou o wali; «e no vosso não póde haver senão uma estação...»

— «Uma primavera eterna! Não é assim?... Li-songeiro! Fallae-me d'aquí a trinta annos: quando os gelos do inverno me alvejarem na cabeça, que belleza haverá então, que me aceite o ramo de myrto e o anel?»

— «Todas, todas, porque a alma e a espada de Almanson serão como a palmeira nas margens ferteis do grande rio.»

— «Serão sempre moças... Ah! ah! Gozemos do presente, meu caro ben-Wahib, renovemos as taças, e não cogitemos do futuro... A amphora exhalou o seu ultimo suspiro. Dae-me outra... Que delicioso licor! Este sim, que se aprimora com a idade: quanto mais velho, mais appetecido... Renovemos as taças. Bebâmos á vossa fortuna e da vossa casa, na paz e na guerra.»

— «Bebâmos,» lhe tornou ben-Wahib, sorrindo, e com a taça na mão; «mas pelo angulo do templo!» Não nos entreguemos tanto a estas libações voluptuarias, que se possa dizer de nós como do califa Walid-ben-Yézid, que nos banhâmos em vinho em lugar de agua de rosas. Por vós odigo, principalmente por vós; poupae o vigor juvenil, meu caro Almanson. Precisaes d'elle, e para mui breve.»

— «Para caçar javalis nos montes de Lara?» perguntou o alkaide.

— «Para caçar nas cercas das monjas nazarenas,» respondeu-lhe o wali ao ouvido.

— «Caça enganadora!» retorquiu Almanson em voz alta. «Julgaes que se apanha com facilidade? Esvoaga-vos em roda, pouza-vos no hombro; mas foge-vos logo, esgota-vos a paciencia, e é parente do

corvo, que anda sempre de crás em crás. Pela pedra negra de Ismael o juro, que tenho desperdiçado com essa caça negaças e frechas, que é uma vergonha para um caçador veterano confessar as vezes, que tenho sido logrado por aquellas aves emparedadas. Sou um falcão velho, que gosto de cevar-me em pombaes domesticados.»

N'este meio tempo os walis de Toledo e Saragoça, que tinham á sua direita e esquerda outros dous walis, surdos ambos como sacos de farinha, fallavam a meia voz, dizendo o de Saragoça para o outro:

— « Grande novidade recebida hoje ! »

— « Que novidade ? »

— « O collegio dos kadis proferiu sentença de morte contra Muhamad-ben-Ishac. »

De caminho o wali de Saragoça amimava a mão esquerda com a mão direita, que era indicio da grande amizade, que professava ao sentenceado.

— « O irmão do wali de Santarem ? » perguntava-lhe o de Toledo.

— « Esse mesmo, o concussionario da azeka. »

— « E que genero de morte ? »

— « Decapitado. O algoz, correndo a cavallo pelas ruas de Cordova com a cabeça na ponta da lança. O tronco arrojado ao chão, e despedaçado. » Aqui amiudaram-se mais as meiguices da mão direita á mão esquerda do wali de Saragoça.

— « Disfarçae. Aben-Ishac-ben-Omeya está com os olhos fitos em nós : » advertiu o de Toledo ao outro.

Os dous walis calaram-se.

Pouco depois o irmão do condemnado conversava muito intimativo com o scheik, sobrinho de ben-Alafia. Os dous walis tornaram a atar o fio do seu dialogo.

— « E elle saberá da sentença do irmão ? » perguntou o de Toledo ao de Saragoça.

— « Por força o ha de saber. »

— « Admira-me então que esteja aqui. »

— « E' que não ha ninguem mais dissimulado. »

O wali de Santarem tornou a olhar para os dous interlocutores, que tornaram a calar-se.

D'ahi a minutos o de Toledo e o de Saragoça entraram a renovar a sua pratica, mas sobre assumpto diverso.

— « Se o israelita se sairá tão bem em Leão, como se saíu em Burgos ? »

— « E duvidaes-lo ? Aquelle Othoniel é a astucia ; Iblis, que se fez homem. »

— « Pois se elle reduz á nossa alliança o emir Radmiro. . . »

Um brinde proposto por Almansor interrompeu a pratica dos dous amigos.

Almansor brindou pelo celebre improvisador Aglabben-Xoiaibi, que se achava presente ; e, rendendo homenagem á sua musa fecunda com as phrases espirituosas de um cortezão, procurou habilmente insinuar-se nas boas graças do poeta, familiar e valido do emir, cuja veia, ainda que quasi sempre se exercitava no genero encomiastico ou na elegia, não era menos viva nas raras vezes que se espraiava pelos dominios da satyra. — « Os vossos versos, » disse elle, « são mimosos como o perfume da rosa, suaves como a fragrança dos prados, e doces como o halito de uma joven belleza. »

— « É necessario, » disse Ahmed, « ter um tratado de paz e amizade perpetua com este emir do acceso imaginar. »

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.



AUSONIO.

DECIMO MAGNO AUSONIO nasceu em Bordeus, nos primeiros annos do 4.º seculo. Seu pae, Julio Ausonio, natural de Bazas, exercia a medicina n'aquella povoação ; sua mãe, Emilia Flonia, era de uma familia distincta do paiz dos Eduenses. Seu primeiro mestre foi Cecilio Argicio Arborio, rhetorico, mathematico e astrologo. Estudou grammatica sob a direcção de Corinthio, de Sperchio, de Macrino, de Lucio e outros celebres professores de Bordeus. A escola d'esta cidade era então uma das mais afamadas das Gallias. Tendo Cecilio Arborio sido nomeado professor de rhetorica em Tolosa, Ausonio acompanhou-o á antiga capital de Tectosages, não regressando ao lugar em que nascêra senão depois de ter completado os seus estudos. Frequentou ao principio o forum, e depois começou de professar a grammatica. Entre os seus discipulos teve á honra de contar Poncio Paulino (S. Paulino) com quem sempre manteve correspondencia íntima. Ignora-se se Ausonio perseverára na religião de seus paes, no paganismo eclectico dos ultimos romanos, ou se abraçara a fé christã, como parecem indicial-o alguns dos versos que escreveu. Thevet, nos seus *Homens illustres*, não hesita em lhe chamar *muito bom christão*.

Foi Ausonio valido do imperador Valentiniano I, a quem acompanhou em muitas excursões contra os suevos, e por quem foi elevado, primeiro á dignidade de conde, e depois á de questor. Quando Graciano subiu ao throno, foi nomeado successivamente prefeito das Gallias, da Africa e de Italia. Depois

do assassinato de Graciano parece que Ausonio se retirára da cõrte (392) para as propriedades que possuía a sua familia, perto de Bordeus.

Ausonio morreu pouco depois (394). Teve de sua esposa Allusia Lucana Sabina, filha do sanador Luciano Thalasio, tres filhos, dos quaes o segundo, Hyperio Aquilio, exerceu cargos importantes.

Ausonio escreveu, além de muitas poesias, estima-veis epistolas e outras obras igualmente prezadas pelos humanistas: são da sua penna tambem os summarios, em prosa, da Illiada e da Odyssea de Homero.

A primeira edição que se conhece de obras de Ausonio é a dos *epigrammas*, que se cita como impressa em Veneza, no anno de 1472, fol. Depois reproduziram-se as edições, sendo mais notaveis as de Parma, 1499; Bordeus, 1580, em 4.^o; Amsterdão, 1669, em 12.^o; Paris, 1730, em 4.^o

A estatua, que a estampa representa, e que uma tradição constante declara ser a de Ausonio conserva-se na bibliotheca da cidade de Auch, em França; é de marmore branco, e de 59 centímetros de altura. Julga-se ter sido esculpida no 3.^o ou 4.^o seculo. Pertenceu outr'ora ao collegio dos jesuitas, onde era objecto de uma especie de culto litterario.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

III.

Como acabamos de vêr, mesmo depois das nossas navegações e descobrimentos no alto mar Atlantico no seculo 15.^o, as fabulas antigas a seu respeito e a geographia systemática da idade media ainda predomínaram por algum tempo, tanto nos cosmographo-europeus, como nos arabes. Os portuguezes foram os primeiros, que em seus monumentos geographicos consignaram os progressos, que elles proprios faziam na sciencia, e das nossas cartas ou do nosso trato é que o resto da Europa tomou lição. Testemunho o globo de Martin de Behain, nuremberguez, um dos primeiros monumentos estrangeiros em que as nossas descobertas começaram a apparecer com individuação. O auctor e a obra são prova do que dizemos, porque só vivendo entre portuguezes, e por muitos annos no serviço de Portugal, pôde Behain recolher as noções, que dos modernos descobrimentos dá no seu globo; que ao mesmo tempo desmente eloquentemente a que ignorancia ou a má fé de muitos escriptores estrangeiros desde algum tempo propaga, de ter o auctor sido o primeiro descobridor da ilha do Fayal, ou do grupo das ilhas dos Açores.

O globo de que tratamos é escriptura autentica das nossas explorações maritimas, porque foi construido contemporaneamente, e porque o auctor se achou connosco em parte d'essas emprezas, tendo vindo a Portugal em 1481, onde reinava D. Affonso V, seguramente antes de 25 de agosto em que este rei morreu. Como habal cosmographo, que era, foi bem acceito por nós, que então concentravamos toda a attenção no descobrimento de terras; foi um dos tres da junta dos mathematicos, creada por D. João II, e com Diogo Cão se achou em 1484 na viagem de exploração da costa occidental d'Africa, costa que já traça no seu globo com alguma correcção até ao rio do Infante, continuando além d'elle na imaginaria lingua de terra, que segundo Ptolomeu se estendia até Catigára.

Por muito tempo sobre a vida e globo de Behain não se escreveram senão fabulas e disparates; até

que tantas contradicções demoveram Christovão Goltieb de Murr a proceder a investigações no archivo da cidade de Nuremberg, onde existem muitas cartas e documentos originaes, que a Behain e sua familia respeitam. D'aqui veio compor elle a sua obra em allemão *Historia diplomatica do cavalleiro portuguez Martin de Behain*, que depois H. J. Jansen deu em francez, em continuação á *Premier voyage autour du monde* de Antonio Pigafetta, Paris, anno IX (1802) in 8.^o — e de que pouco antes em 1794 tinha dado a summa em hespanhol D. Christobal Cladera na sua obra *Investigaciones históricas sobre los principales descubrimientos de los Espanholes en el mar oceano en el siglo XV y principios del XVI*.

Murr conjectura que Behain nascêra entre 1430 e 1433, de familia distincta, e seguira a principio o commercio, estudando ao mesmo tempo mathematica e nautica. Sua educação foi fructo do cuidado d'um tio, com quem por muito tempo se correspondeu. Em 8 de junho 1479 sabe-se que estava em Anvers; em 1481 em Portugal; em 1484 na exploração da costa d'Africa; e em 1486 já casado na ilha do Fayal, com uma filha do capitão donatario da dita ilha, e da do Pico, o flamengo Job de Hueter; nascendo-lhe em 1489 um filho, a quem deu o seu nome; inferindo-se d'aqui, que não voltára a novas explorações, porque em 1490 ou 1491 passou a Nuremberg a ver sua familia, e ahi a instancias dos magistrados da cidade, Gabriel Nutzel, P. Volkamer, e Nicoláu Groland, começou a construir o seu globo, a que em 1492 deu a ultima demão, seguindo, como elle mesmo diz, as noções de Ptolomeu, Plinio, Strabão, e Marco-Paulo. Esta declaração por si só está a dizer quantos erros da geographia dos antigos Behain ainda não archivaria na sua obra.

Em 1493 voltou a Portugal, e d'ahi ao Fayal, d'onde tornou a vir em 1494, chamado por D. João II para ir a Flandres na importante commissão de preparar a opinião para lhe succeder na corôa seu filho natural D. Jorge; o que não pôde arranjar-se antes a D. João II succedeu D. Manuel seu sobrinho, filho de sua irmã, o que tudo consta da carta, que Martin escreveu ao senador Miguel Behem, seu primo em 11 de março de 1494.

Depois da morte de D. João II, em 25 d'outubro do dito anno 1494, nada se sabe mais de Behain, senão que em Lisboa fallecêra em 29 de julho de 1506, com 76 annos de idade, e fôra enterrado em S. Domingos.

Martin de Behain foi mathematico e astronomico dos mais sabios do seu tempo. Introduziu o uso do astrolabio nos navios, e foi o primeiro que redigiu taboas de declinação do sol. No seu globo ha ainda grande incorrecção a respeito dos nossos descobrimentos modernos. O extremo occidental do Atlantico confunde-se com o oceano oriental: das costas occidentaes da Europa correndo-se sobre o oceano dá-se de frente na India. As ilhas com que povôa o alto mar Atlantico septentrional são:

A ilha fabulosa de S. Brandão, pegando na equinoccial, entre 1.^o e 8.^o latitude norte, e 313.^o e 319.^o longitude occidental do meridiano da Gran-Canaria, por onde conta: — santo (que elle diz chegára ali no anno 565) de quem escreve o celebre jesuita Henschenius, no exame critico da sua vida: *cujus historia, ut fabulis referta omittitur*.

As ilhas de Cabo-Verde, a que chama Afortunadas (que diz descobertas, e habitadas pelos portuguezes em 1472) em numero de onze, mal dispostas na sua grandeza e posição relativa, entre 6.^o e 13.^o lat. norte, e 331.^o e 349.^o long. occidental.

As ilhas Canarias, em numero de dez, com as mesmas incorrecções que as antecedentes, entre 15.^o e 31.^o lat. norte, e 352.^o long. occidental, e 20.^o long. oriental.

A ilha da Madeira entre 20.^o e 22.^o lat. norte, e 357.^o long. occidental e 1.^o long. oriental.

A ilha fabulosa Antilia, ou das Sete-Cidades, ao norte do tropico de Cancer, entre 24.^o e 26.^o lat. norte, e 326.^o e 329.^o long. occidental.

As ilhas dos Açores, finalmente, que erradamente dá pelas Cassiterides dos antigos, em numero de dez, que diz foram pelos portuguezes descobertas n'um só dia no anno 1431, e «n'ellas só acharam desertos e passaros tão mansos que não fugiam das gentes; mas não se descobriu n'estes desertos signal algum de homem nem de quadrupede, por cujo motivo os passaros se não espantavam.» No numero, na posição e grandeza relativa d'estas ilhas peccou muito. Pœnas entre 28.^o e 40.^o lat. norte, e 342.^o e 355.^o long. occidental.

Para o nosso fim são sufficientes as noções que damos d'esta parte do globo de Behain. D'ellas se conclue, que mesmo vivendo o auctor entre nós, e n'um dos grupos d'ilhas por nós novamente descobertos, nem é fiel em muitas das noções geraes que a tal respeito dá, conservando a tradição de terras fabulosas; nem mesmo em cousas que particularmente tocavam ás ilhas dos Açores, cujo numero total erra, assim como a grandeza e posição relativa de cada uma; sem fallarmos na parte historica da sua noticia, que escreveu de cór, confundindo datas e noções, já começadas a desfigurar pela tradição de cincoenta annos. N'este particular, (porque não é aqui logar proprio para a discussão e correcção dos seus erros historicos, o que faremos quando n'outra obra discutirmos a epocha e historia do descobrimento das ilhas dos Açores) contentar-nos-hemos com advertir, que é sem fundamento, que fraudulentos procuradores dos direitos de Behain tem querido attribuir-lhe o descobrimento da ilha do Fayal e Pico, o que revela uma completa ignorancia da sua obra e da sua vida; porque no seu globo explicitamente declara, que portuguezes foram os auctores de tal descobrimento. «No anno 1431 (diz elle) depois do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, reinando em Portugal o infante D. Pedro, se equiparam dous navios com todo o necessario para dous annos, por ordem do infante D. Henrique, irmão d'elrei de Portugal, para irem ao descobrimento dos paizes, que estavam de traz de Santiago de Finis-terra; navios que equipados d'este modo fizeram vela para o poente umas quinhentas leguas de Allemanha. Em fim descobriram *um dia* estas dez ilhas (dos Açores) . . . » E quando este testemunho do proprio Behain não fosse concludente e irrecusavel a respeito do descobrimento que lhe attribuem, e que nunca lhe passou pela mente, era-o o facto de ter nascido no anno 1430 a 1433, e de já estarem descobertas em julho de 1439 todas as sete ilhas dos grupos oriental e central dos Açores, entre as quaes se comprehendem as do Fayal e Pico, como a seu tempo provaremos, com documento authenticico, que descobrimos no archivo nacional da Torre do Tombo.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

— A grandeza e poderio dos tyrannos não é de invejar: os perigos e os remorsos os pungem; o veneno, ou o punhal lhes encurta a vida: tal foi a sorte da maior parte dos cesares de Roma.

ENSAIO DE UMA DISSERTAÇÃO HISTORICO-CRITICA SOBRE OS FACTOS MAIS CONTROVERSOS DA HISTORIA DO CONDE D. HENRIQUE, PRIMEIRO SOBERANO DE PORTUGAL, E TRONCO DA AUGUSTISSIMA CASA REINANTE.

TERCEIRO PONTO.

III.

DEPOIS de ter fallado em o nascimento da rainha D. Thereza (que elle suppõe havido em uma concubina, porém de nobilissima geração) accrescenta, que o rei D. Afonso VI a casára com um conde chamado D. Henrique — «que vinha (de ora em diante são palavras do A. ou AA.) do sangue real de França, e que durante a vida do rei domou e forçadamente os mouros, guerreando com elles, motivo por que o dito rei lhe deu com sua filha em casamento, Coimbra, e a provincia de Portugal, que são fronteiras de mouros, em as quaes mui nobremente engrandecia com o seu exercito batalhador a sua fortuna militar; mas poucos dias antes que o rei terminasse os seus dias, não sei porque *sanha* ou discordia, partiu estomagado d'elle; e por esta causa não foi presente quando el-rei estava para morrer e dispunha da successão do reino, o que fez sem a presença do conde, que em consequencia d'isto, e por vontade que tinha á successão, além passou os montes Pyreneos, para haver auxilio dos francezes, dos quaes assistido e reforçado pudesse tomar por força o reino de Hespanha. E como a fraqueza humana é sujeita a varios e diversos azares, aconteceu-lhe uma desgraça, pois foi prezo e demorado na prizão; Deus porém compadecendo-se d'elle o poz em liberdade. Voltava elle (de França) no ponto em que o rei de Aragão fôra desprezado e expulso pela rainha, e a fim de que sem risco pudesse atravessar o reino de Aragão, deu-lhe a sua palavra e lhe prometeu fazer causa commum com elle, e que empregaria todas as suas forças contra a rainha, e lhe faria guerra debaixo de condição, que tudo quanto elle ganhasse do reino da rainha seria repartido ao meio entre ambos. Reunida assim grande *hoste* iam para Sepulveda; e como isto ouviu o nobre conde chamado Gomes, que n'aquella sazão morava em Burgos com a rainha, assistido de pouca gente, deitou-se a elles no campo de Espiña; e por que sem conselho, e com tão pouca gente commetteu grande e difficil cousa, fortemente pelejando, morreu na batalha, e finda que foi a victoria encaminham-se a Sepulveda. Apenas os nobres da comitiva da rainha souberam isto, enviaram embaixadores ao conde D. Henrique para lhe dizerem que injustamente procedia contra a rainha e seus nobres, apartando-se d'estes, e chegando-se para um tyranno seu inimigo, e que lhe pedissem que desde logo abandonasse o rei de Aragão, e que passasse para elles, que elles acabariam com a rainha, que repartisse com elle o reino irmãmente, e que isto havia de fazer de boa vontade, lembrando-se da amizade e companhia antiga, e que elle (conde D. Henrique) seria o capitão d'elles, e commandante do exercito. Ouvidas que foram pelo conde estas propostas, e depois de se aconselhar com os seus, como quem sáe para vêr as suas quintas, separou-se do rei, e tendo praticado com o poderoso Fernão Garcia, dirigiu-se a um castello chamado Monzon, onde estava a rainha, e confirmou o sobredito ajuste, vindo porém este ao conhecimento do rei; partiu de Sepulveda, e a toda a pressa se foi metter no castello forte chamado Penafiel, (e os homens que moravam além Douro, e se chamavam Pardos, n'aquelle tempo seguiam a voz do rei de Aragão); porém a rainha, e o

conde D. Henrique, juntando muita gente de pé, e de cavallo cercaram o castello de Penafiel; e porque a natureza o fortificou, e não se poderia tomar, o exercito destruiu a ferro e a fogo toda a gente d'aquellas visinhanças, e lhes saqueou todos os seus bens, e que certamente mereciam estes habitantes, porque desprezado o senhor natural, tinham-se passado para o tyranno, e roubador. N'este comenos, D. Tereza, mulher do conde D. Henrique, filha do rei D. Affonso, a qual tinha ficado em Coimbra, veiu ter com seu marido, e passados alguns dias começou a incital-o dizendo-lhe, que primeiro se devia fazer a partilha do reino, segundo o que se pactuára, e depois se trataria de expulsarem o rei. Ainda mais dizia: e era — grande engano parece que trabalheis com os vossos por honra, e reino d'outrem, e afadigar-vos para que vençaes o destruidor, e entrementes como é costume das linguas lisongeiras a mulher do conde já era chamada rainha pelos seus, o que sabido pela rainha, lhe sabia mal principalmente ao vêr-se desamparada de marido, e que sua irmã lhe sobresaía n'este particular. Sendo pois obrigada a fazer a partilha do reino, chamou occultamente um conselheiro do rei, por sobre nome Castanho, fallou com elle em segredo, e assim deixaram o sitio, e se dividiram até a sua reunião em Palencia, e dados abi por uma e outra parte nobres, e prudentes varões, começaram a partilha do reino por igual, e n'esta partilha entre as mais cousas tocou Zamora, que é cidade mui abastada, e o castello que toma o seu nome do rio Ceya, ao conde, que tomou posse immediatamente d'este castello. . . Acabadas que foram estas cousas estabeleceram e ordenaram que a rainha com sua irmã D. Thereza se fossem para Leão, e o conde se fosse para tomar Zamora com os cavalleiros da rainha, aos quaes ella mandou secretamente, que não entregassem a cidade ao conde, e a rainha já tinha mandado aos de Palencia, que vindo o rei de Aragão lhe abrissem as portas, que já tinha mandado Fernão Garcia para que elle viesse, e tudo isto se fazia occultamente, e a rainha veiu á villa de S. Fagundo, e similhantemente determinou aos burguezes que abrissem as portas ao rei. . . E a rainha saiu logo para Leão, deixando seu irmão em S. Fagundo. . . É de notar, que um dia, sem que o abbade, e os monges o soubessem, entrou o rei na villa, e mandou aos seus, que perseguissem a mulher de D. Henrique; porém sabendo esta que elle vinha, já tinha fugido, e por tanto lhe não foi possível apanhal-a." Até aqui é extracto do cap. 21; porém, no cap. 23, pag. 316, torna a fallar do conde D. Henrique assim. «N'aquelle tempo o conde D. Henrique, e todos os mais nobres, cercaram o rei e a rainha em Carrion muito exasperados pelo juramento, que a rainha fizera ao conde, e que depois quebrantara; considerando porém a pouca probidade do rei, que lhes fazia vêr com certeza, que dentro em poucos dias se arrependeria a soberana do segundo matrimonio, e mormente porque a julgavam como rainha natural, por isso a descercaram.» Torna outra vez e pela ultima a fallar do conde D. Henrique no cap. 29, pag. 315, e depois de tocar na viagem do rei de Aragão, e D. Urraca para Astorga, remata assim. «Fallado o conde D. Henrique (o que pela chronologia dos monges de Sahagum recae no anno de 1112) D. Thereza para ahí se encaminhou, e com a rainha sua irmã, e com o rei grande competência armava etc.»

IV.

Este fragmento historico, pela primeira vez conhecido em Portugal, convida por si mesmo os nossos futuros historiadores, para que descontando n'elle

alguns excessos de afeição a D. Urraca, e varios juizos sinistros, póde ser que destituídos de fundamento, sobre os condes soberanos de Portugal, façam o devido uso d'esta narração, para resolverem alguns pontos disputados já pelos escriptores portuguezes, já pelos castelhanos; que se o chronista-mór Fr. Antonio Brandão o tivesse presente; quando achou no *Liber fidei* da Sé bracarense os ajustes entre D. Thereza, e D. Urraca sua irmã, teria provado muito melhor as suas asserções no importantissimo capitulo 14 do livro 8.º da Monarchia Lusitana.

QUARTO PONTO.

A independencia do seu condado.

I.

JÁ do antecedente poderia mostrar-se, que se o conde D. Henrique se julgava com direito para obter, pelo menos, uma grande parte, ou ametade da successão do imperador seu sogro, mal poderia, nem ainda entrar-lhe na imaginação, que lhe era necessario submeter-se, e render sujeição ou á soberana sua cunhada, ou ao rei de Aragão, seu contendor: e por isso é de notoria evidencia, que o nosso conde morreu persuadido, de que era não só independente nos seus antigos estados, porém que o deveria ser em todos os mais, que para o futuro conquistasse, ou adquirisse. E todavia necessario distinguir cuidadosamente os tempos e as circumstancias. Em quanto vivo o imperador, bastava a como dependencia filial, para que o nosso conde lhe prestasse toda a sorte de obsequios, ainda inclusa a propria vassallagem; e por isso todos os argumentos, que se costumam trazer contra a independencia dos dominios portuguezes, exactamente fallando, morrem todos com o imperador Affonso VI. Logo porém que tiveram principio as competencias entre as duas irmãs D. Thereza e D. Urraca, principiam igualmente desde então a desapparecer, para nunca mais voltarem, as minimas sombras da antiga sujeição e dependencia. Illustrada que seja esta, que julgo conveniente e opportuna distincção, com alguns factos, e exemplos terei verificado de tal maneira o meu intento, que não será facil nem destruil-o, nem convencel-o de temeridade, ou leveza. *(Continúa.)*

Os senhores que desejarem subscrever para o anno de 1854 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos distribuidores, ou nos logares abaixo citados, e nas províncias aos correspondentes, ou *por carta franca de porte*, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.º 227 e 228, e nas lojas dos sr.ºs Lavado, rua Augusta, n.º 8, e Bravo, rua do Ouro, n.º 212. — Correspondentes: Braga, sr. F. Guimarães; Coimbra, sr. Dardalhon; Elvas, sr. S. Gusmão; Penafiel, sr. M. D. de Castro; Porto, sr. Cruz Coutinho; Santarem, sr. J. F. d'A. Pereira; Setubal, sr. M. J. Ferreira; S. Miguel, sr. A. e Valle; Terceira, sr. J. M. de M. Pimentel. Por anno 1:300 rs.; por semestre 700 rs. Provincias (*franco de porte*) por anno 1:370 rs.; por semestre 830 rs.